



# PRIMEIRO DE ABRIL DE 1964

# O RETORNO

Reedição atualizada!

Passados 57 anos do golpe militar, que em primeiro de abril de 1964 mergulhou o Brasil em duas longas décadas de ditadura, o país enfrenta novamente os desmandos de um governo que enaltece torturadores, viola direitos e mente para o povo. Enquanto famílias de desaparecidos ainda lutam por justiça, o capitão-presidente Jair Bolsonaro evoca os quartéis a se levantarem em defesa das atrocidades do regime militar.

Assim como hoje, a classe trabalhadora, os sindicatos e as organizações populares foram os principais alvos da ditadura. Na Petrobrás e em outras estatais, trabalhadores foram ameaçados, perseguidos e denunciados por serviços internos de inteligência, que agiam articuladamente com os órgãos de repressão. Os sindicatos sofreram intervenções e os dirigentes foram perseguidos e reprimidos. Qualquer semelhança com o atual momento e

com o que ainda pode estar por vir não é mera coincidência. Vide o Decreto 9.735/19 e a Medida Provisória 873/19, ambos inconstitucionais e editados por Bolsonaro para tentar asfixiar os sindicatos e, assim, impedir a resistência dos trabalhadores.

Os núcleos que apoiaram e deram sustentação à ditadura militar nos anos 60 e 70 são os mesmos que insuflaram o ódio contra o PT e a esquerda, a ponto de eleger um presidente forjado por fake news. Hoje se sabe que o golpe de 1964 foi gestado em conjunto com os Estados Unidos, sob o pretexto de salvar o Brasil do comunismo. O mesmo roteiro que elegeu Bolsonaro.

Na época, o então presidente João Goulart foi acusado de querer implantar no país uma "república sindical", ao defender reformas sociais e o fortalecimento da Petrobrás. Foi derrubado com o apoio dos empresários, do sistema financeiro e

da mídia, que, cinco décadas depois, golpearam a presidenta Dilma Rousseff.

Até agora o Brasil não se recuperou. O desemprego e a miséria só aumentam e os trabalhadores são chamados a pagar a conta de um golpe que mergulhou o país no caos político, social e econômico. Enquanto isso, Bolsonaro fingue que governa, propondo sandices, como as homenagens a 31 de março, uma data tão falsa quanto o seu governo. O golpe se deu em Primeiro de Abril, o dia da mentira, o que levou os militares a inverter a data.

Os capítulos seguintes dessa história nós conhecemos de cor. Os assassinatos, as torturas, os desaparecimentos, a censura, o Estado de Exceção não serão esquecidos, muito menos comemorados. O passado nos mostrou o caminho da resistência. Ditadura nunca mais.

## PETROLEIROS FORAM ESTOPIM DA PRIMEIRA GREVE GERAL NA DITADURA

Em 05 de julho de 1983, os petroleiros da Replan (SP) iniciaram uma das mais importantes greves da categoria, que logo em seguida teve a adesão dos trabalhadores da Rlam (BA). Foram sete dias de enfileiramento, em um movimento essencialmente político contra a ditadura, cujo estopim foi um decreto do general João Batista Figueiredo, para cortar direitos dos trabalhadores de estatais e reduzir efetivos.

Os militares ocuparam as refinarias, interviram nos sindicatos, cassaram as direções sindicais e demitiram 358 petroleiros. Dez dias

depois, em 21 de julho de 1983, cerca de três milhões de trabalhadores das mais diversas categorias cruzaram os braços na primeira greve geral da ditadura militar. Em agosto do

mesmo ano, a CUT foi fundada, tendo como principais eixos de luta o fim da ditadura, a revogação da Lei de Segurança Nacional e a garantia de liberdade e autonomia sindical.



# EXPLOÇÃO DA ESFERA DE GLP: “FERIDOS PEDIAM PARA SER MORTOS”

O maior acidente relatado na história da Refinaria de Duque de Caxias ficou conhecido como “o fim do mundo”. Na madrugada do dia 30 de março de 1972, três tanques esferas de gás liquefeito de petróleo (GLP) explodiram, devido a um vazamento de gás, deixando 42 trabalhadores mortos e 40 feridos.

Com a força da explosão, uma parte de

uma das esferas com 25 m de diâmetro foi arremessada a mais de um quilômetro, sendo encontrada no bairro de Campos Elísios. Chapas metálicas de três toneladas foram atiradas a distância e petroleiros foram jogados ao chão com o deslocamento de ar da primeira explosão, enquanto outros eram inteiramente envolvidos pelas chamas, ficando

com as roupas queimadas e perdendo os sentidos.

Uma verdadeira noite dos horrores. De acordo com relatos dos médicos da época, era tanta dor que os sobreviventes pediam para serem mortos. As chamas alcançaram mais de 300 metros de altura. E a temperatura na refinaria passava dos 100°C.

De acordo com o jornal da época, os trabalhadores feridos jamais voltariam a ser os mesmos: “depois que as partes queimadas cicatrizarem, estes homens serão submetidos a banhos esterilizantes, a balneoterapia em tanques de Hubbard, a exercícios de realização e cirurgias plásticas, nas quais serão utilizados enxertos de pele do próprio doente e de outras pessoas.

Ficarão 60 dias hospitalizados e passarão por um tratamento de recuperação de cerca 120 dias, dependendo do caso. A reabilitação física não vai ser suficiente para que eles voltem a ter uma vida normal. Será preciso um longo tratamento psicológico”.

N o v a m e n t e estamos caminhando para um acidente de

grandes proporções. A REDUC, em 2016 perdeu o SPIE devido a falta de manutenção correta nos equipamentos e fraudes em documentos, o que levou a morte de um trabalhador. Em 2019, a Refinaria de Paulinea, em SP, sofreu um incêndio de grande porte onde por milagre não teve vítimas. Para o diretor do sindicato Simão Zanardi, estes tipos de acidentes são consequência da redução de mão de obra e falta de investimento em equipamentos.

“A Petrobrás fez dois PIDVs nos últimos 5 anos retirando mais de 20 mil trabalhadores da área e não fez concurso público para repor esse efetivo. E ainda fez um estudo para reduzir o número mínimo de segurança operacional. Com isso, todas as refinarias passaram a operar em condições de risco”.

A direção do Sindipetro Caxias realiza um trabalho diário de fiscalização e cobrança das condições de trabalho. Todo petroleiro tem o direito de voltar pra sua casa no final do expediente. Basta de acidentes. Não coloque sua vida em risco, utilize seu direito de recusa.

